

QUEM NOS NAVEGA É O MAR DOS ENCONTROS

Adriana Cruz¹

Em tempos de pensar a sobrevivência de nós, artistas, em todos os cantos do país, me vi diante da necessidade de refletir sobre como venho traçando minhas concepções de vida como artista e quais vivências posso tentar estabelecer como parâmetros nessa condição? Olhar para o presente talvez seja muito mais complexo do que olhar para o futuro. Penso que seja necessário rastrear, em nossas habilidades poéticas, a capacidade de sair de um isolamento da alma, deixando-a voar além de nós, colocar o que temos de melhor na força do nosso trabalho e protegê-lo em um bote salva-vidas, para seguirmos em meio a essa **tempestade**, como posso denominar a pandemia.

Em confinamento, faço exercícios de retrospectivas, como neste texto que apresentarei brevemente, sobre minhas últimas incursões em processos criativos. Me propus a olhar o momento que estamos atravessando com a seguinte provocação: o que é relevante salvar? Estar viva, para mim, além de respirar e de todas as circunstâncias que se impõem como relevantes para esta condição, significa pensar o que é de extrema importância para que eu possa acessar meus modos de vida como artista. Um dos

elementos que não posso excluir do bote salva-vidas é o encontro, por sua relevância em todos os trajetos que tenho feito nesses passeios pela memória.

Há pouco tempo, o início da minha pesquisa de doutoramento foi um momento gerador de diversas questões sobre qual caminho de pesquisa seguir, ou melhor, de construir dentro do caminho que já havia construído. Apontei como norteadora do trabalho a minha dissertação², crendo que, daquele ponto, germinaria um começo de algo que precisava ser retomado e desdobrado. Precisava prosseguir o rastreio ao território da arte da criação da cena concebida como *teatro com bonecos*, na qual a preposição *com*, entre a palavra teatro e a palavra bonecos, tornou-se propositiva de pesquisas artísticas dos atores do grupo teatral.

Teatro com bonecos tornou-se uma condição relevante no trabalho com meus parceiros de grupo, para as composições artísticas nas quais nos colocamos como copartícipes da cena. Por meio desta condição, pensei a simultânea presença como um estado de encontro. Assim, de modo breve, digo que o encontro tem sido procedimento de pesquisa artística, tomado como circunstância de acontecimentos relevantes desde que dividimos a cena com bonecos, no sentido de estar em companhia do outro como modo de fazer pulsar a vida cênica.

Podemos aqui expandir a compreensão de encontro, de modo que se configure como

¹ Doutora em Artes, diretora teatral, atriz, bonequeira, integrante do Grupo In Bust Teatro com Bonecos . É professora de teatro da Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: ambar.cruz@inbust.com

um território fluido, de duração breve, no qual acontecimentos importantes abrem possibilidades de construção de experiências e saberes. Um encontro proporcionado por acontecimentos de natureza artística pode ser uma experiência transformadora, potência já atribuída ao teatro. Pensemos o ato de encontrar como uma experiência química, em que dois elementos se encontram e, neste processo, ocorre uma reação pelo contato, capaz de tornar outros os envolvidos na experiência. Metaforicamente, o corpo de ator seria átomos de

hidrogênio e o boneco, um átomo de oxigênio; assim, imaginemos que estes elementos, ator e boneco, sofram tamanha reação ao se encontrarem, capaz de gerar algo novo, que não estava ali antes; ou seja, uma outra substância, fluida, produzindo um novo corpo enquanto o encontro ocorre.

Na tese, defendida em 2019, narro alguns encontros, e dentre eles, o seguinte: certo dia do mês de julho de 2013, terminamos uma apresentação do espetáculo *Sirênios*, em uma praça pública no Município de Monte Alegre (PA), no Baixo Amazonas.

Sirênios (2006). Grupo In Bust Teatro com Bonecos. Direção: Paulo Ricardo Nascimento. Foto: Rodrigo José.



Eu estava organizando as caixas para guardar os materiais de cena quando uma menina se aproximou e disse “posso pegar a Itã?”, apontando para a boneca, que estava do meu lado. Eu entreguei a boneca à menina. Ela ficou alguns minutos observando e movimentando, como quem procura algo importante. Subitamente, ela se voltou para mim e perguntou: “por onde ela fala?”. Aquela pergunta me deixou desconcertada. Vi a menina na plateia durante o espetáculo, nos olhamos durante a cena enquanto a compunha com Itã; ela estava atenta, “dialogando” com a cena de modo encantador. Não consegui compreender, naquele instante, porque a menina pensou que aquela boneca falava.

Após refletir sobre o fato, compreendi que meu encontro com Itã redimensionou minha presença diante da menina. Mesmo ao me ver movendo e emitindo o som da voz de Itã, a menina foi procurar na boneca a vida que já tinha se esvaído, como uma ligação química desfeita. Itã é uma boneca de pouco mais de um metro e um corpo construído com pequenos paneiros³, ou seja, tem uma estrutura vazada, que torna mais visível a minha presença e a estrutura relativamente simples que constitui os seus mecanismos de funcionamento. O encontro da atriz com a boneca atravessou a menina, que se fez parte desse encontro e ativou a reação química que nos fez outros, que nos transformou. O meu corpo e o da boneca, expandidos e reagindo, fez surgir um outro corpo, um corpo-substância, forjado nos procedimentos do encontro; diante dos olhos da menina, houve uma vida ímpar, poética e fluida.

A noção de corpo-substância foi desenvolvida na minha tese de doutoramento intitulada *Invenções de um corpo na prática teatral de atores com bonecos*, defendida em 2020, na UFMG, refere-se a uma concepção de corpo que emerge a partir do contato entre ator e boneco em intervenções recíprocas, de modo que no espaço/tempo da cena se desconstrua estes dois partícipes enquanto formas isoladas, pelo intrínseco entrecruzamento entre eles.

O encontro é um processo importante para que a vida se manifeste no contato, na conexão e fusão do corpo do ator com o boneco, de modo a compreender que estes dois elementos se entrelaçam gradativamente durante a ação cênica, desde o momento em que o ator pega o boneco até as ações de um com o outro se tornarem unívocas. Um encontro pode guardar aberturas para outras maneiras de ver um boneco, um movimento, uma forma e a si mesmo. O encontro não é uma parte que compõe nossas ações artísticas, mas um caminho para a concepção de procedimentos criação.

O encontro tece outras dimensões, que se estabelecem entre duas condições corporais na cena, e se expandem ao outro presente, como a menina de Monte Alegre. Uma fusão de corpos, ou corpo-substância, foi uma noção tramada na minha tese para pensar este encontro. Um corpo-substância será este terceiro corpo, que se estabelece no ínterim deste encontro entre atores e bonecos, realizado por imantações entre os corpos diferentes. Pensemos o teatro com bonecos como modo de vida compartilhado, que se expande da relação do ator com o boneco até àquele que espera e, ao esperar, se faz parte deste encontro. Assim, algo inusitado, novo, desconhecido na cena proporciona à boneca e ao ator um encontro, uma união imbricada, complexa e vital.

Como mais um, entre tantos grupos de teatro, o In Bust Teatro com Bonecos, do qual faço parte desde 1996 aqui em Belém, percorreu comunidades ribeirinhas, municípios, cidades, praças, escolas, festas de aniversário, festivais, eventos culturais, feiras de livro, projetos de circulação institucionais etc., movido pelo que proporciona o encontro: possibilidade de descobrir modos de fazer o espetáculo em espaços diferentes, de compor um novo espetáculo a partir das narrativas que são patrimônios culturais de cada lugar, de descobrir um novo processo de construir um boneco visitando artesãos e artistas para trocas de conhecimentos. Ao viajar com um espetáculo, seja para ir ao mesmo bairro ou percorrer rios, estradas

e céus ao longo dessa jornada – vida de artista da cena – seguimos o encontro como procedimento.

Importante ressaltar que o pensamento sobre o encontro foi tramado dentro de um contexto amazônico, cujas condições de trabalho e pesquisa artística ainda se configuram de modo imbricado entre as condições de atividades artísticas, que incluem investimentos na arte, na cultura e as perspectivas de mercado. Significa dizer que produzir arte envolve desde a dificuldade de construir a obra no aspecto financeiro até os espaços onde a apresentação do espetáculo pode acontecer. Embora haja impostos significativos para usar as praças, poucos e caros espaços teatrais, nenhuma destas dificuldades tornou-se um empecilho tão forte a ponto de nos colocar em estado de desistência; deixou-nos em estado de resistência, pois sempre foi preciso resistir para existir como artista.

Isso para dizer que neste, como em tantos outros lugares da Amazônia e do mundo, ir aonde o povo está tornou-se condição fundamental para existir. O encontro se acomoda nas dimensões da realização da cena com bonecos como condição *sine qua non* em articulações singulares entre o ator, boneco e o espectador. Ele também nos alavanca e nos move em busca de espaços, com o intuito de integrar o teatro à cesta básica dos cidadãos, como costumamos afirmar. Diante deste contexto, saímos à procura de espaços, mudamos as dimensões e pesos de nossos equipamentos de cena para poder carregá-los em embarcações ou dentro de pequenos carros disponíveis para nossos traslados. Precisamos caminhar em trajetos onde as estradas modernizadas ainda não se fizeram presentes. Nos adaptamos porque nós, artistas, sabemos a importância do trabalho que fazemos, em tempos como este em que as políticas de valorização da vida estão escassas.

Nada de novo, não é? Artistas da cena se reinventaram durante a revolução industrial, quando a luz elétrica revolucionou as cidades e com ela

veio o *boom* do cinema, por exemplo. Estamos diante de um novo desafio, em que o processo pandêmico nos enfraquece por estremecer a força dos encontros, nos atira abruptamente no olho do furacão da revolução tecnológica e nos deixa atônitos e adoecidos. Quando perdi meu pai para a COVID-19, em 30 de abril deste ano, um abalo perverso desestruturou minha despedida, pois não pude ir ao último encontro com ele.

Vamos seguir por escritas metafóricas e navegá-disse Fernando Pessoa – para redimensionar a condição de viver. Que naveguemos por estes novos rios! Reinventemos mais uma vez a Nau para as navegações com intuito de aportar em outros encontros. Tatearemos este novo espaço, este ciberespaço, que não nos permite seguir nosso devir em teatro com bonecos, mas desistir não faz parte dos registros nas cartas náuticas de nossos ancestrais.

Trabalharemos para reinventar o encontro em novas expansões de corpo, precisaremos reconfigurar nossa intuição-potência para processos artísticos, que borram as fronteiras limitantes e atravessam, invadem, infiltram territórios por todos os tempos históricos e relativos. Depois do que vi e vivi, antes e durante a pandemia, sobrevivo e penso na importância do encontro enquanto processo vital de navegação. Vamos, companheiros, mares nunca dantes navegados à frente! Segurem firme seus bonecos, internautas!

NOTAS

² *Sobrevoos e pousos sobre a dramaturgia do In Bust Teatro com Bonecos*, defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA.

³ Cestos de vime comuns nas feiras do Norte, nos quais se transportam frutas e outros produtos.